



RÉPLICA À PERSPECTIVA DE JOSÉ NORBERTO MUNIZ¹

TAMÁS SZMRECSÁNYI²

Em nosso pobre meio acadêmico, o fato de ter um trabalho comentado, além de ser bastante raro, não chega, na maioria das vezes, a configurar uma experiência agradável e um intercâmbio construtivo de idéias e de pontos de vista divergentes. A crítica, tão importante para o progresso científico, assume frequentemente, no Brasil, o caráter de agressão pessoal. Trata-se de um evento particularmente infeliz quando o comentarista — por incompreensão, desconhecimento, ou má fé — insiste em desvirtuar e distorcer o pensamento do autor que ele comenta.

Estas foram as sensações que tive ao ler o trabalho do Prof. José Norberto Muniz, no qual fui taxado de “positivista”, “superficial”, “fetichista” etc. pelo fato de haver proposto, em número anterior desta revista, um esquema de estudo histórico-social da ciência e da tecnologia no Brasil, com base nas noções de divisão social do trabalho e de desenvolvimento das forças produtivas sociais (Szmrecsányi 1985).

Confesso que fiquei bastante chocado, além de surpreso, por ver o meu modesto esquema vinculado ao positivismo. Como este não é definido em parte alguma do comentário do Prof. Muniz, fiquei sem saber o que ele entende por esse termo. E sou levado a suspeitar até que não sabe exatamente do que está falando. . .

Não pretendo aqui estender-me sobre suas duvidosas demonstrações de erudição em campos tão diversos, como a história da ciência, a sociologia do conhecimento e do trabalho, a epistemologia e a filosofia das ciências, a economia da pesquisa, a biotecnologia etc. O comentário do Prof. Muniz é um verdadeiro festival de citações e referências, algumas das quais estão inteiramente fora de contexto, enquanto outras apresentam erros de transcrição.

Tampouco vou contestar-lhe o direito de me qualificar como adepto da “filosofia positivista idealista”. Afinal, a utilização de certos adjetivos caracteriza melhor a falta de discernimento dos seus usuários do que os sujeitos ou objetos a que eles pretendem aplicá-los. Este é, em última análise, um problema do próprio comentarista.

Mas, há no comentário dele uma questão que, a bem da verdade e em respeito aos leitores e aos demais membros da Comissão Editorial desta revista, não poderia deixar passar em branco. Refiro-me aos dois primeiros parágrafos da última parte do

¹ Nota suscitada pelo trabalho “A compreensão do subdesenvolvimento do desenvolvimento da prática científica: uma perspectiva sobre o debate” (Muniz 1987).

² Prof. Universitário, Doutor e Livre-Docente em Economia. Prof. MS-5/RDIDP, Departamento de Política Científica e Tecnológica, Instituto de Geociências da UNICAMP — 13100 Campinas, SP.

trabalho do Prof. Muniz, cuja transcrição textual é a seguinte:

"Se essas considerações são aceitas, podem-se questionar também as circunstâncias pelas quais, segundo o Prof. Tamás, a evolução da pesquisa científica no Brasil passa. Dentro de sua premissa filosófica positivista, como os demais trabalhos que procuram analisar a história social da ciência no Brasil, admite-se que o início dessa atividade no Brasil foi tardio. Isto é, ele está dependente da evolução das forças produtivas, o que ocorreu a partir de 1930."

"A princípio, tem-se que essa evolução prende-se muito mais à evolução das instituições científicas do que propriamente à ciência. Essa questão, a despeito de ser falaciosa, está também coerente com os pressupostos filosóficos positivistas, que admitem a natureza corporativa da ciência, respondendo às necessidades dentro de um caráter totalmente utilitário que advém desde Bacon."

Deixando de lado as impropriedades conceituais presentes nestes dois parágrafos (que, sob este aspecto, constituem uma boa amostra do nível do resto do comentário do Prof. Muniz), devo assinalar que eles não correspondem, de forma alguma, ao que escrevi no trabalho publicado nos Cadernos de Difusão de Tecnologia (Szmrecsányi 1985:167-8).

Nessas páginas, afirmei, com todas as letras, que já havia ciência no Brasil antes da sua independência política, mas que, apesar desta, o seu progresso foi muito lento durante a maior parte do século XIX, e que isso era consequência do fraco desenvolvimento das forças produtivas sociais do País, naquele período. Escrevi, mais, que a situação em questão só iria mudar no último quartel do século passado, com a Abolição, a urbanização e a industrialização nascente — processos estes que se refletiriam no desenvolvimento e na diversificação da pesquisa científica então existente no País.

Além disso, afirmei que a partir de 1930 houve o desabrochar da atual estrutura institucional da pesquisa científica no Brasil — e não, como quer fazer crer o comentarista, o início dessas atividades. Quem tiver dúvida sobre o que disse naquele trabalho poderá conferir o meu texto publicado por esta revista em 1985. Deixo de transcrever aqui os parágrafos relevantes para não abusar do espaço que me foi concedido e da paciência dos leitores desavisados desta lamentável polêmica. Neste sentido, já chega o trabalho que tive para ler e reler o comentário do Prof. Muniz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MUNIZ, J.N. A compreensão do subdesenvolvimento do desenvolvimento da prática científica; uma perspectiva sobre o debate. *Cad. Dif. Tecnol.*, 4(1): 97-108, 1987.
- SZMRECSÁNYI, T. Elementos para uma história social da produção científica no Brasil. *Cad. Dif. Tecnol.*, 2(1):165-70, 1985.

Cad. Dif. Tecnol., Brasília, 4(1):109-110, jan./abr. 1987